

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

SEPP (Pe. Antônio). — *Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Tradução de A. Reymundo Schneider. Introdução por Wolfgang Hoffmann Harnisch. São Paulo. Editora Martins. 1973. Biblioteca Histórica Brasileira, n. XI).

Os escritos do Padre Antônio Sepp são importantes subsídios para a história do Brasil Meridional (*Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos*. Tradução de A. Reymundo Schneider; introdução por Wolfgang Hoffmann Harnisch. São Paulo, Martins, 1973. *Biblioteca Histórica Brasileira*, v. XI). Constituem os mais antigos documentos da historiografia riograndense, especialmente valiosos para o oeste da região — e, portanto, complementam o trabalho de Cristóvão Pereira, específicos do leste. Comparam-se à obra de Basílio da Gama e aos Anais do Visconde de São Leopoldo, embora, é claro, em posição divergente, isto é, de um jesuita das Missões.

O Padre Antônio Sepp de Rechegg nasceu em 1655 no Tirol. Ainda jovem, figurou entre os meninos cantores na corte imperial de Viena. Recebeu formação musical do mestre-capela de Augsburg; aliás, um dos aspectos mais destacados de sua obra entre os índios yaros foi a música. Aos dezenove anos ingressou na Companhia de Jesus e, em 1691, foi para Cádiz juntamente com quarenta e quatro missionários. Morreu em 1733.

Inicialmente, na América, o Padre Sepp esteve entre os índios da redução de Japeju, cujos campos hoje corresponderiam a Alegrete, Livramento, Quaraí, Uruguaiana e trecho do Uruguai. Essa redução era ponto-chave para as vinte e nove outras da região, bem como a mais densamente povoada. Possuiu importância histórica, pois dela saíram os conquistadores de Sacramento. De Japeju o Padre Sepp foi para São Miguel e, em seguida, fundou a redução de São João Batista (fato que, como veremos, tem importância na sua obra historiográfica).

A nosso ver, a obra do Padre Antônio Sepp merece alta credibilidade, uma vez que não se compõe de escritos oficiais, mas de correspondência familiar. A *Viagem* são cartas que escreveu para seu irmão, em tom coloquial e distenso. Ademais, sua importância é maior para a história econômica que para a política, embora o Padre Sepp vivesse numa época em que ainda eram audíveis os ecos das incursões dos paulistas.

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica. (*Nota da Redação*).

Para quem aceita ser importante escrever a História do Brasil a partir de uma história regional e também os laços íntimos com a evolução histórica da região platina, então a contribuição do Padre Sepp dispensa comentários. Nas informações que nos transmite, descreve com minúcias as rotas utilizadas no tempo e os meios de transporte. Ele mesmo passou por elas para ter acesso à área das Missões e viagens entre as reduções.

O mérito maior de seus escritos cabe à historiografia econômica. Através dele ficamos sabendo como e quando aproximadamente foram introduzidos produtos que hoje são típicos da região. Seus relatos dos rebanhos selvagens e do uso que dele se fazia são bastante vivos e corroboram outras informações. Fala-nos também da produção de couro e de seu envio para a Europa — a courama, como sabemos, constituiu produto de relevo na economia do Rio Grande. O Padre Sepp descreve-nos a produção algodoeira, de trigo, frutas, a apicultura, a plantação das vinhas. Dados inestimáveis sobre os preços na época e no local são fornecidos pelo jesuita, bem como sua conversão em moeda européia.

O aspecto econômico de seus escritos, porém, não se limita à descrição dos produtos. Vai além e aborda o problema da mão-de-obra e da divisão do trabalho. Como e em que podiam os índios ser empregados; o que sabiam ou não fazer; fala-nos de seu desempenho nas atividades artesanais, nos serviços, na sua facilidade em tratar com o rebanho e em suas dificuldades em lidar na agricultura. O Padre Sepp orienta-nos ainda na técnica empregada, nos problemas que envolviam os instrumentos, na ausência de metais — é bom acrescentar que foi ele um dos iniciadores da siderurgia do Rio Grande do Sul e um dos primeiros a utilizar a diferenciação (já conhecida) entre ferro e aço.

Não menos importante que o aspecto econômico, é a descrição da montagem e funcionamento de uma redução. Sobre isto o Padre Sepp era bastante categorizado para falar, uma vez que ele mesmo fundou a redução de São João Batista (conforme nos referimos antes). Narra a estrutura interna de um aldeamento, a vida cotidiana, as funções do padre etc., em detalhes. Aborda com naturalidade os problemas relacionados com a defesa do povoado, as técnicas defensivas e a predisposição existente contra qualquer tipo de invasor. Talvez pelo fato de não ser espanhol, o Padre Sepp quase não se refira aos paulistas e tece críticas — sutis, embora — aos espanhóis. Relata também como desembaraço as questões relacionadas à subsistência dos índios aldeados. Não esconde que pelo abastecimento farto e constante conseguia manter aquietados os nativos; ao contrário, sublinha este fato. Chega ao ponto de nos informar de que modo era feita a distribuição de alimentos e dos cuidados que se deveria tomar devido à *falta de juízo dos gentios*, isto é, à ausência do senso de medida e mediaticidade entre eles.

As experiências cotidianas do padre comandante de uma redução ficam bastante claras. São experiências do Padre Sepp, mas parece que são típicas,

comuns aos demais em situação semelhante. Suas atividades espirituais e de superintendência são descritas pormenorizadamente, até questões tais como o vigiar a cozinha da casa do padre e a limpeza dos utensílios — cujo *descuido* o Padre Sepp não consegue entender.

Antônio Sepp é um homem de seu tempo, e, portanto, não vê as coisas na perspectiva que hoje temos. Contudo, conseguimos extrair de seus relatos informações caras, mesmo no que se refere à mentalidade, isto é, aos costumes, do homem que ali vivia naquele tempo. Se o historiador tem muito a descobrir na obra do Padre Sepp, um antropólogo também o tem. Mesmo as surpresas diante de costumes que ele não tinha condições de compreender constituem elementos preciosos. Dentre alguns aspectos da mentalidade do indígena que se relacionavam com o Padre Sepp, destacamos dois que só podem confirmar constatações posteriores dos antropólogos: a ausência do senso de medida e a falta de noção do tempo mediato.

Mas alcançamos também alguma coisa da mentalidade do Padre Sepp — que era, certamente, a dos jesuitas missionários — como por exemplo sua ingenuidade no trato de certas questões.

Uma das descrições mais delicadas, a nosso ver, e que consta na *Viagem*, é a respeito do treinamento militar dos índios aldeados — ao qual o Padre Sepp não denomina claramente. Sobre isto pouco adianta, mas o que diz basta para avaliar a que ponto essa preparação era levada a sério. Trata-se da recepção que lhe deram em Japejú. Sob o caráter de festividade, os índios esboçam uma pseudo batalha, fazendo-se de brancos ou guerreiros. A certa altura, o padre fala-nos até de *esquadrões de cavalaria e de suas divisões de infantaria* — aliás, Japejú encontrava-se entre os yaros e charruas, índios cavaleiros.

Ainda neste aspecto, informa-nos sobre a infra-estrutura da redução, na expectativa de qualquer eventualidade menos favorável. Quando descreve a peste que se abateu na redução, ficamos sabendo da improvisação fácil de um hospital. O narrador até nos adianta que, se faltavam remédios e enfermeiros, ou mesmo médicos europeus — jesuitas, decerto — não seria difícil ou ao menos impossível busca-los. Essa descrição consta nos *Trabalhos* e mostra até que ponto podia haver mobilização em massa a qualquer momento.

Para finalizar, os escritos do Padre Sepp possuem interesse: para a história regional do Brasil e para a história do Brasil; para a história das relações entre o Brasil meridional e as regiões platinas; são escritos econômicos detalhados; abordam cuidadosamente o problema da mentalidade. Sobretudo são subsídios para uma história das missões.

CARLOS MARCOS AVIGHI

* *
*